



Breve Análise Psicanalítica d'o *Pequeno Príncipe*: Uma (Re)Interpretação Atualizada

Roberto Remígio Florêncio¹, Rafael da Silva França², Vlader Nobre Leite³

Resumo: O presente estudo interpretativo preza por apresentar fatos que fazem a vida de Antoine Saint de Exupéry entrelaçar-se ao enredo da sua mais famosa obra *O Pequeno Príncipe*, motivo que a torna um escrito plurissignificativo, em suas entrelinhas, diante de célebres frases e símbolos representados na narrativa. O que se objetiva ao efetivar tal linha de estudo é, através de confrontos entre biografia e obra, consolidar possibilidades fundamentadas de que há fortes aspectos ligados aos seu percurso de vida, essas, se valerem do método psicanalítico, a partir dos estudos freudianos. Para Freud, ela se concretiza pela interpretação das ações inconscientes, na intrínseca significação das palavras e/ou nas dinâmicas imaginárias, desta forma, todos esses aspectos constam subjetivamente aliados aos enunciados propostos na fábula mais renomada do autor francês. Os métodos utilizados se deram de forma bibliográfica e qualitativa, uma vez que utiliza as análises de base literária e psicanalítica para construir/identificar os resultados, tendo a criação artística como fonte primária. Como conclusão, a pesquisa identificou uma relação psicológica entre o autor e sua produção que se valida diante da psicanálise, na categoria analítica e em seus subdesenvolvimentos teóricos, mantendo os arquétipos do inconsciente coletivo e do processo de individualização presentes no enredo da obra.

Palavras-Chave: Freudiano. Análise Literária. Literatura e Psicanálise.

Brief Psychoanalytic Analysis of the Little Prince: An Updated (Re) Interpretation

Abstract: The present interpretative study is prized for presenting facts that make the life of Antoine Saint de Exupéry intertwine with the plot of his most famous work *The Little Prince*, a reason that makes it a plurisignificant writing, between its lines, in front of famous phrases and symbols represented in the narrative. What is intended when carrying out such a line of study is, through confrontations between biography and work, to consolidate grounded possibilities that there are strong aspects linked to his life path, these, using the psychoanalytic method, based on Freudian studies. For Freud, it is materialized by the interpretation of unconscious actions, in the intrinsic meaning of words and / or in the imaginary dynamics, in this way, all these aspects are subjectively allied to the statements proposed in the most renowned fable of the French author. The methods used were given in a bibliographic and qualitative way, since it uses literary and psychoanalytical analyzes to build / identify the results, with artistic creation as the primary source. In conclusion, the research identified a psychological relationship between the author and his production that is valid in the face of psychoanalysis, in the analytical category and in its theoretical underdevelopments, maintaining the archetypes of the collective unconscious and the individualization process present in the work's plot.

Keywords: Freudian. Literary Analysis. Literature and Psychoanalysis.

¹ Doutorando em Educação - UFBA; Professor Língua Portuguesa - IF Sertão - PE; Mestre em Educação e Cultura (UNEB); Graduado em Letras (UPE) e em Pedagogia (UNEB). betoremigio@yahoo.com.br;

² Mestrando em Educação (UPE); Especialista em Psicopedagogia (FACESP), Licenciado em Letras (UPE). roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br;

³ Mestre em Letras (FPB); Bacharel em Direito (IPE-PB) e Licenciado em Letras (UFPB). Professor Efetivo da Universidade de Pernambuco (UPE). vladernobre@hotmail.com.

Introdução

A idealização da temática do presente trabalho parte do pressuposto de apreciação da obra *O Pequeno Príncipe*, visto que propõe, nas suas entrelinhas, uma significação que assemelha, dinamiza ou interfere em características habituais comuns da vida social, do conflito e/ou interação humana no tocante à subjetividade que atija a vontade de segui-la a fundo, em busca desse possível autoconhecimento que nos instiga ao desbravá-la. Esperamos que, ao ler uma obra com tamanhas riquezas alegóricas/simbólicas, que tocam nos pontos emocionais, como a de Exupéry, o sujeito-leitor reconheça em diversas enunciações ou personagens, uma representação individual, uma experiência pessoal, uma identidade com histórias de vida, ou até mesmo uma reflexão de personalidade. Diante disso, o leitor, através das simbologias presentes no enredo da obra, pode efetivar uma autodescoberta.

A famosa obra de Saint-Exupéry é um clássico da Literatura Universal “devido a uma certa juventude eterna e irreprimível” (POUND, 2007, p. 23). *O Pequeno Príncipe* teve a sua tradução para diversos idiomas e adaptações no cinema, e também no teatro. Faz na sua essência uma dessemelhança da fase infante para a adulta, lidando em seu teor com as relações humanas e sentimentos de amor, amizade, solidão. Propõe aos leitores na sua composição aforismos que instigam para um olhar subjetivo rumo ao entendimento da obra, como em: “Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos. Os homens esqueceram essa verdade, mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (EXUPÉRY, 2013, p.70). No senso interpretativo, tais frases possibilitam um efeito plurissignificativo, muitas vezes, deixando uma mensagem moral e/ou filosófica para os que conseguem “sentir” a obra perpassando a sua linguagem filosófica e metafórica. Por isso, primamos por trazer um sentido comum ou novo ao público leitor, através dos signos presentes em diversas frases célebres da obra.

Disse a raposa. - Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo (EXUPÉRY, 2013, p. 66).

Primeiras Análises

Muito se discute sobre “O príncipe”, personagem principal do texto escrito, que vive em constante viagem, conhecendo sujeitos (demais personagens) que vão enfatizar as célebres frases da obra para desbravar o desconhecido, atributo da obra que chega a confundir-se, em muitas passagens com a vida do autor Saint-Exupéry. Esse trabalho estima pela associação autor-obra, partindo do olhar psicanalítico, e investiga significados em face às relações para evidenciar, teoricamente diante de tal linha de estudo, que Exupéry, além de autor, é o alter ego do Pequeno Príncipe. A intenção primordial é analisar os implícitos da obra. É a busca do sentido simbólico que há na essência da narrativa à realidade do autor, pelo viés do subjetivismo que denota a ideia da autobiografia de Saint-Exupéry. O jogo de conversas e ações que enredam o escrito possibilitam a ideia de que vida (biografia) e obra (criação) chegam a se confundir e o diálogo existente entre dois dos personagens protagonistas partiriam unicamente de um conflito mental que provém do mesmo sujeito, o autor Saint-Exupéry, camuflado por ambos personagens, que, em uma ambígua estranheza, dialoga consigo mesmo, hora como criança em sua psique, ora como adulto em sua realidade cênica.

Exupéry deixa claro no prelúdio que o público infantil seria o alvo da obra, por considerar adultos como: “aqueles que não conseguem enxergar o importante como verdadeiro, mas somente aquilo que é bom materialmente” (LIMA e SILVA 2016, p. 2). No entanto, marcado pela subjetividade, o livro tornou-se célebre entre os adultos: uma espécie de literatura voltada para o público infantil, mas que precisa/pode ser refletiva por um adulto. Em uma leitura crítica da obra, pode-se notar que o autor se apropria de uma linguagem coloquial e concreta, uma vez que vincula a obra às crianças, mas, ao longo do romance, passa a aderir a uma linguagem metafórica, ainda que simples.

A literatura trouxe-nos um belo exemplo da perfeita associação entre o desenho e a linguagem verbal através do livro “*O Pequeno Príncipe*”, de Saint-Exupéry. Uma obra que se coloca acessível à compreensão de qualquer leitor, de todas as faixas etárias, e que permite entrar para o campo da linguagem metafórica evocando diversas interpretações. (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p.36)

Na referida obra, Exupéry expõe o personagem, o “Príncipezinho”, como um menino, inquieto, contestador e afetuoso, que é movido constantemente pelo diálogo. Há, logo de início, um progressivo jogo de textos, de palavras e desenhos, que vão desbravar a lúdica história do príncipezinho, entre diversas realidades, personagens com quem vai se deparando, ao galgar pelos mundos, e os sentimentos quem enchem a obra de expressividade. Assim, trazemos a

psicanálise, associada à análise literária, pois ambas estão ligadas ao íntimo dos sujeitos, à inconsciência das palavras e ao intrínseco do ser. Nessa perspectiva, a psicanálise vem trabalhando para auxiliar o ser humano nas relações entre o indivíduo e o seu inconsciente. De modo que, agrega à literatura, enquanto arte, uma aliança literária e psicológica, na medida em que o leitor, diante das palavras, tende a identificar-se com a narrativa, aprendendo, sofrendo, sentindo como personagens e sob o contexto vivenciado. Em Literatura, esse conceito é exemplificado como verossimilhança.

De que forma a psicanálise vai justificar a relação biográfica entre Saint-Exupéry e a obra *O pequeno príncipe*? Ventilamos como resposta, o elo entre literatura e psicologia. Ao içar esta ideia, a hipótese perseguida inicialmente consolidara-se, prezando por tal objetivo, uma conexão da obra com elementos biográficos do autor para formalizar o trabalho, em uma leitura diante de fenômenos mentais e através das instigantes representações que o autor Saint-Exupéry causa na sua obra “*O Pequeno Príncipe*”.

[...] Há um diálogo entre a Literatura e a Psicanálise, através da história de um menino que sente a necessidade de fugir do seu planeta e desbravar pelo desconhecido em busca de respostas. Trata-se da conhecida história do *Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry. Temos, então, um príncipe que sente a responsabilidade de cuidar e proteger sua rosa, único ser que lhe faz companhia e que, ao mesmo tempo, demanda-lhe um amor quase insuportável. A busca do garoto é alucinante, ele percebe que há um vazio e vai ao encontro daquilo que supostamente possa preencher essa ânsia, mesmo que não compreenda exatamente o que é (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p. 35).

Nosso estudo firma-se em características com aspectos da tipologia de pesquisa bibliográfica, uma vez que, trará uma reflexão psicanalítica e uma literatura comparativa, uma vez que, defronta a obra *O pequeno Príncipe* e a biografia do seu autor “Antoine de Saint-Exupéry” como fonte primária. A importância do campo de pesquisa bibliográfico se efetivou no protocolo da investigação, pois revisar e se apropriar de fatos autênticos é o traço primordial para o desenvolvimento e comprometimento com o objeto, consistindo em fichamentos, levantamentos e arquivamentos relacionados à pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, monografias, dissertações, teses, artigos, isto é, material acessível ao público em geral. Esse material pode constituir-se em fonte primária ou secundária (MORESI, 2003, p. 08).

Pessoas Grandes Investigam Conceitos

Como se pode notar, ao compreender a Literatura em suas significações genéricas, vista em diversos lineares, de fato é uma complexidade, em que se enraíza nas sensibilidades individuais do ser humano, pois em um olhar totalizado, ela pouco representa para a sociedade como utilidade prática do mundo. Por esse motivo, reforça-se o entendimento de Literatura a um processo de humanização, pois “segundo Baudelaire, o poeta é o grande herói da modernidade, pois vive numa espécie de realidade em que não há propriamente lugar para o poeta: o que ele faz não vale nada para a sociedade” (KÖTHE, 1987, p.53, apud LOBO, 2013, p. 129). O contexto literário está monopolizando o seu entendimento, mas também simplificando as suas demasiadas possibilidades aos meios, uma vez que “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos”, assim Todorov (2009, p. 27) complementa falando sobre o tamanho da superficialidade que dizem as críticas e estudos que a sintetizam.

A Literatura é uma questão de sentir e refletir. “Nós, especialistas, críticos literários, professores, não somos, na maior parte do tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes” (TODOROV, 2009, p. 31). Nessa concepção, os meios tratados não podem resultar nas finalidades dos pensamentos do artista, visto que o teórico referido tenta explicitar que compreender a literatura vai mais além do que uma denominação, mas uma compreensão auxiliar de mundo e das suas experiências.

É preciso ir além. Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atemos a uma abordagem interna escrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto; não apenas os meios não devem se tornar o fim, nem a técnica nos deve fazer esquecer o objeto do exercício. É preciso também que nos questionamos sobre a finalidade última das obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e mundo, para neles descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um (TODOROV, 2009, p. 32 e 33).

Por fim, a literatura tem um papel particular para com o ser humano. Dela possibilitam-se condições para ampliação da capacidade cognitiva perante o mundo e si mesmo, numa construção de conhecimentos diversos, sobre nós a partir de dentro.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de

tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é marginalizado, quando triunfa uma concepção absolutamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a literatura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2009, p. 76).

Em síntese, ao nos debruçarmos sobre o texto literário "O Pequeno Príncipe", somos instigados a também viajarmos em nossa própria subjetividade. Como literatura, tal obra nos sensibiliza e humaniza, faz-nos nascer, outra vez, a criança que houve, há, e, quiçá, haverá sempre em nós: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças (mas poucas se lembram disso)” (EXUPERY, 2013, p. 04).

O conceito de psicanálise partiu da inquietação de Freud, que revolucionou os pensamentos sistemáticos relativos à vida psíquica, e ousou aprofundar as relações enigmáticas do psiquismo, embasando como problemática científica as fantasias, os sonhos, os esquecimentos, a interioridade do indivíduo. No decorrer das suas pesquisas, Freud não se contentou em finalizar a sua teoria por uma mera convicção, reuniu esforços necessários a fim de promover uma ampliação da forma de tratamento. Silva (2012, p. 34) afirma que “[...] essencialmente, uma ampliação realmente requer grandes esforços, esforços que devem atuar numa mudança de posição [...]” e reforça que “[...] foi sem dificuldades que Freud adentrou nas profundezas que abarcam o campo do inconsciente com vistas a tornar a psicanálise um método e uma prática clínica” (2012, p. 28 e 29):

Freud, no decorrer de sua obra, não poupou esforços para demonstrar sua teoria e os conceitos fundamentais dela decorrentes, através da observação proveniente de sua prática clínica e de trabalhos exaustivos. Assim, foram muitos anos e inúmeros trabalhos escritos à medida que eram cunhados tais conceitos, as pedras angulares de algo que se configura em teoria, método de tratamento e de pesquisa (SILVA, 2012, p. 32).

O termo psicanálise é usado em referência do método de investigação que capacita um profissional para analisar, questionar e interferir psicologicamente o indivíduo, frente aos seus pensamentos ocultos. Herrmann (1989, p. 92) nota que “enquanto teoria, caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica”. Assim, culminando os seus estudos, Freud, publicou uma extensa obra no decorrer da sua consagração teórica, em que relata descobertas e planejando princípios gerais sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana.

A Psicanálise, enquanto método de investigação, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. A prática profissional refere-se à forma de tratamento — a Análise — que busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre através desse autoconhecimento (HERRMANN, 1989, p. 91 e 92).

O trabalho psicanalítico efetiva-se na inconsciência, na percepção intrínseca e na inserção de seus conteúdos na consciência. É na soma dessa inconsciência que se determinam os porquês do detrimento das ações humanas. A técnica se ampliou e, hoje, o exercício de psicanálise se dá em outros meios. A teoria engajada por Freud também é um instrumento de grande valia para pensar e compreender relevâncias que tocam e afligem os âmbitos sociais, problemas estes que são “[...] as novas formas de sofrimento psíquico, o excesso de individualismo no mundo contemporâneo, a exacerbação da violência etc” (HERRMANN, 1989, p. 92).

A Relação entre Psicanálise e Literatura

A relação entre Literatura e Psicanálise pode ser subjetivamente perceptível a partir do sujeito, quando ele, na condição de um leitor atento a um campo de expressão literária, que busca intrinsecamente nas entrelinhas o significado do que não ficou dito, aliado a elementos que a Literatura contém. O exemplo assemelha-se à psicanálise, sendo o sujeito analista, capta significados nos espaços inconscientes do que foi tratado, mas se validando pela intimidade do que não foi esboçado.

Aproximadas por se fazerem subjetivamente, a Literatura colabora com a Psicanálise como um tipo de aliança que fornece componentes facilitadores para movimentos espontâneos do inconsciente. Diante da afirmação de Beckel (2004, p.01 e 02), “Freud sempre reconheceu o quanto a arte e a literatura anteciparam e confirmavam as descobertas da clínica psicanalítica”. Assim, é viável constatar que também diante dos seus enunciados que “A literatura pré-existe à psicanálise”, em outros termos, o cunho literário é quem origina a o método terapêutico da ciência psicológica.

Ao longo da construção de sua teoria, o pai da psicanálise buscou interpretar autores, baseando-se em suas obras literárias, buscando conhecer de que fonte o artista retira seu material, material este capaz de nos despertar emoções que desconhecíamos (BECKEL, 2004, p. 02).

O sujeito, enquanto analisado, descreve traços da sua vida segundo a sua idealização, como se tornasse “autor e personagem protagonista” da própria história, agregando sentido próprio e adaptando conforme a sua própria autoria. Já o analista compõe o “papel de leitor” da história contada pelo sujeito analisado, leitor que fica atencioso as entrelinhas, ao sentido ocultado pelas enunciações, que em dados momentos passa a ter “coautoria” na história de vida, sendo elas diante das intervenções que fazem os personagens refletirem ou ressignificar a própria existência. Já a própria história, e/ou seus fatos de vida seria “a linguagem” é através dela que se concretiza o dito, ela é o ponto conectivo entre a psicanálise a literatura. É pela linguagem literária que as palavras ganham maior dimensão, dela se expressa as conotações primordiais para consumir uma análise.

Da literatura, a psicanálise toma referências, exemplos, extrai características que traçam o perfil de um autor, e por meio dela enriquece a própria teoria. Igualmente, a psicanálise oferece aos literatos a oportunidade de utilizar novas metáforas, de aprofundar o processo de criação, de liberdade do inconsciente (BECKEL, 2004, p. 02).

Em todos os sentidos, dando o discurso como o texto literário, exige-se da parte interlocutora a interpretação, daí resultando uma significação evidente e outra latente ao que ficou dito. Reitera Beckel (2004, p. 03) que “o sentido revela o caráter ambíguo e equívoco das palavras [...]”, a extração do que ficou percebido causa novos significados, igualmente ao se interpretar um texto literário. Os que colaboram com a arte, seja ela por poema, filme, pinturas etc, muito podem transmitir exemplos concretos da manifestação da subjetividade humana através da ideal introspectivo do autor, tanto que Freud utilizou incessantemente exemplos inerentes à Literatura por toda a composição da sua obra.

Mas a psicanálise tanto é um instrumento de que o analista se utiliza para trazer à luz e interpretar o conteúdo inconsciente, quanto pode ser utilizada como lente de aumento para o entendimento em profundidade de uma obra, seja romance, poema, filme, pintura, ou outra forma qualquer de manifestação artística, pois são elas expressão do inconsciente, bem como, para encontrar na obra características da personalidade do sujeito de quem receberam a autoria (BECKEL, 2004, p. 03).

É notório o quanto as áreas psicanalíticas e literárias se complementam, e uma se torna facilitadora da outra, pode-se praticar a dinâmica psicanaliticamente de uma criação literária, como agregar valores criativos diante das possíveis reflexões advindas de uma análise. Complementa Beckel (2004, p.06) que “O sujeito, numa análise, conta a sua própria história, sua verdade. Num romance, num conto, são elementos do inconsciente de um sujeito que permeiam a história que é contada, sua verdade está subjacente à ficção”. Portanto, fica viável notar que se um autor realça a sua obra perante o processo de observação fruto da teoria

psicanalítica, o analista, quanto melhor leitor for, melhor assimilará a prática perceptiva do inconsciente nas suas análises, proveniente do elo que as estabelecem.

Nas Tramas Psicológicas do Enredo

A obra aborda questões importantes sobre o pensamento adulto e o infantil, bem como as dificuldades em se conciliar esses dois mundos. No entanto, a forma como Exupéry escreve o romance, configura-se quase como uma mensagem à humanidade e a cada um de nós (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p. 39).

A obra *O Pequeno Príncipe* foi escrito e ilustrado por Antoine de Saint-Exupéry no ano que antecedeu a sua morte, 1944. Narra a adrenalina de um Piloto de avião durante um pouso forçado no deserto do Saara durante a segunda Grande Guerra, o narrador, que também é o piloto do avião, quando se depara certa manhã por uma criança que lhe pede: "Desenha-me um carneiro?" essa é a frase enfática para o percurso na obra, pois, começa o relato da cabeça fantasiosa e ingênua de uma criança.

Todos nós necessitamos imaginar um carneiro quando estamos perdidos e sós. O carneiro pode representar o mistério da vida, a busca por algo que se imagina e ainda não ganhou uma forma, não foi simbolizado. No entanto, algo que pode vir a ser a resposta a um questionamento que fizemos ou que supra nossa falta, tire-nos da angústia. Através da insistência do menino, o narrador cria um meio de não decepcioná-lo e faz várias tentativas para suprir a demanda do garoto misterioso. O homem, impressionado com o mistério do aparecimento de um menino sozinho no meio do deserto, começa a refletir e imaginar a história do Príncipezinho. "Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse... tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p.37).

O Pequeno Príncipe havia deixado o seu planeta de origem, o asteroide B612, onde diz ser muito pequeno, "Na verdade não existe um asteroide B612, mas sim o 612, cujo nome é Verônica, um nome de mulher, e, além disso, é também uma planta herbácea de flores azuis." (COPLÁN, 2007). O seu planeta era tão pequeno a ponto de caber somente ele e uma rosa vaidosa e orgulhosa, pela qual tem inteiro apressado.

Um dia brotara uma semente, dessa semente formara um botão e desse botão nascera uma rosa. Esta nascera e o menino percebeu que se tratava de uma rosa muito bonita e vaidosa. Ela começou a atormentá-lo com sua doentia vaidade. Queria muitos cuidados: "à noite me colocarás sob uma redoma de vidro. Faz muito frio no teu planeta. Não é nada confortável (EXUPÉRY, 2001. p. 33).

No seu percurso, ao desbravar os planetas que passara, o príncipezinho se depara com personagens inusitados, que deixam uma representação. Alguns deles são: Um rei, que achava

que todos eram seus súditos, mesmo não havendo ninguém no planeta que residia; Um homem de negócios que se expõe como muito sério e ocupado, tanto, que não tinha tempo para sonhar; Um bêbado que bebia constantemente pela tentativa de esquecer a vergonha que sentia por beber. Um geógrafo que se alto afirmava sábio, mas não dominava nem a geografia do seu próprio país.

Os citados personagens, na obra, representam os adultos, as “pessoas grandes” que se preocupam com futilidades e coisas inúteis, e não valorizam realmente o que merecem.

Em cada personagem, com suas características, está uma alusão aos diversos tipos de pessoas, pois em uma análise mais específica, conseguimos ver que vários seres humanos se ocupam com o que lhes convém, não se importando com sentimentos alheios, mas somente com seus interesses, ideia que Exupéry sempre defendeu, ao dizer que as pessoas grandes “jamais se interessam em saber como ele (um amigo) realmente é” (LIMA E SILVA, 2010, p. 09).

Isso pode ser confirmado pela raposa, personagem que interage com o príncipe em certo momento da obra, deixando uma mensagem subjetiva sobre devido valor das coisas, ao ensinar para o garoto o segredo do amor, diz: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

Na relação do garoto com a Raposa, o animal se vê na condição gozante, ao destituir do menino o papel de amigo; ele só poderá se aproximar da raposa, manter contato e conhecê-la, se esperar e cativar. A Raposa coloca uma condição em troca da amizade, e faz o garoto refletir o quanto é importante criar laços e distribuir afetos. “Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos” (EXUPERY, 2003, p. 72).

A raposa é a representação dos sentimentos advindos da amizade e que isso é fundamental para a vida humana. Assim Chalita (2008, apud LIMA e SILVA, 2010, p.10) denomina amigos como:

Os amigos são diferentes, pois cada pessoa é única. Entender essa realidade já é um exercício fascinante para compreender a natureza humana e assim conseguir conviver na diferença. No fluxo de vivências, o que sentimos repercute na forma como tratamos o outro. A amizade é um sentimento que passa ações e reações. Quando se é amigo, cada gesto é cuidadoso para não deixar que o outro se sinta diminuído.

O autor tinha uma imagem pessoal dos adultos, via-os como pessoas incapazes de entender a essência da vida, o seu real sentido, isso era deixado à medida que cresciam. Há em sua formulação sobre “pessoas grandes” a incapacidade de compreender a imensa sabedoria da infância, como Lima e Silva apontam:

Antes de vir a Terra, morava em um asteroide chamado B612, nome esse que, segundo o autor, demonstra o quanto os adultos gostam de números, não se importando com a essência, mas sim com valores vindos dos algarismos pertencentes a eles (2010, p. 8 e 9).

Não importa o que são, mas sim o que têm, os valores são dados pelo que se expõe e não pela essência. Os homens, segundo narrativa, “não perguntam: Qual é o som da sua voz? Quais brinquedos que prefere? Mas perguntam: Qual a sua idade? Quanto ganha seu pai?” (EXUPÉRY, 2001, p. 19). O indivíduo quando cresce e se torna uma “pessoa grande” deixa para trás toda a simplicidade de ver as coisas pelo lado emocional e passa a ver somente o lado funcional. Exupéry é crítico ao dizer que eles adoram números, os números estão ligados a praticidade que precisa ter da vida cotidiana, que se atam a dinheiro por: valores monetários, faturamentos; a quantidades: sejam elas de bens, dívidas ou posses; produção: pela otimização do tempo para conseguir fazer outra tarefa, por em um contexto atual não existir tempo, as pessoas estão sempre ocupadas com inutilidades e esquecendo que “o essencial é invisível aos olhos” (EXUPÉRY, 2013, p.70).

A obra vem com a moral de expor através de uma criança a lição de como lidamos com a vida, “Coloca o centro de gravidade na própria configuração da mensagem. Ambiguidade e a autor reflexibilidade são atributos da mensagem com função predominantemente poética”, (EPSTEIN, 2000, p. 45 e 46, apud LIMA E SILVA, 2010, p. 10).

A inversão dos valores e dificuldades das relações diante de estar carregado de tantas coisas não necessariamente importantes para ser feliz, atitudes que levam o ser a solidão. Ao tornar-se adulto, as responsabilidades e a maneira com que leva as situações fazem com que esqueçamos o sentimento de infância que um dia possuímos. No final, o príncipezinho, ao viver uma dinâmica do seu percurso até a terra, e todas as suas vivências ao chegar até o planeta, resolve voltar para o seu asteroide, pois diante da sua inocência, já tinha experiências que podiam fazê-lo entender a responsabilidade que tinha, ao possuir uma rosa. Era necessário cuidados com ela, uma vez que se deixou cativar.

O Pequeno Príncipe desejava voltar para o lugar de onde veio, mas o seu próprio corpo era um empecilho, aqui podemos ver o que acontece com o Pequeno Príncipe: ele volta para seu asteroide fazendo-se picar por uma serpente do deserto. Textualmente: "Parecerá que sofro... parecerá um pouco que morro". Também: “Parecerá que morri, e não será verdade...”; “Não posso levar meu corpo ali. É muito pesado” (2001, p. 94).

Epílogo: Para Entender o Verdadeiro Sentido da Vida

Diante da leitura da obra de Saint-Exupéry, o aviador se encontra em uma situação delicada por conta de um pane em seu avião que o obrigara a fazer um pouso de risco no deserto do Saara, em uma localização que o distanciava muito de qualquer lugar habitado.

O piloto nunca estivera tão sozinho e isolado e fora surpreendido por uma voz de uma criança que lhe pediu para desenhar uma ovelha. O piloto reagiu com espanto mas a criança insistiu, pois era "uma coisa muito séria". Apesar de surpreendido, o piloto não conseguiu deixar de responder ao pedido. "Por mais absurdo que tal me parecesse, a mil milhas de qualquer lugar habitado e em perigo de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta". Desenhou um dos dois únicos desenhos de que era capaz- o da jiboia a engolir o elefante- o qual a criança identificou mas que não a satisfiz. Espantado pôr o seu desenho ser compreendido e cada vez mais cativado pela criança, o piloto esforça-se por desenhar uma ovelha que a satisfaça e alcança um desenho de uma caixa com a ovelha lá dentro. "Esta é a caixa. A ovelha que tu queres está dentro dela"- ao que o príncipezinho responde: "Era exatamente assim que eu a queria!" (JORGE, 2014, p. 5).

Diante desse encontro, o piloto ativa nostalgicamente a experiência que em dado momento se assemelhava com a sua infância, essa ativação remete à psicanálise como memórias compostas do seu inconsciente. Nos seus primórdios havia sofrido a frustração de não ter os seus desenhos compreendidos, o dilema é de desenhar uma jiboia que engoliu um elefante, mas que na interpretação das "pessoas grandes" do desenho se via um chapéu, "As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando" (EXUPERY, 2013, p.8), por esse desencorajamento que captamos de Exupéry com relação aos adultos, , viveu conforme as regras do crescimento humano, mas não entendia o motivo angustiante do que havia se tornado. "Ao passar o tempo, o princípio de realidade acaba se impondo e o adulto perde por completo o contato com a fantasia" (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p. 38).

O homem, narrador, ainda sem entender os motivos dos intensos pedidos de desenhar um carneiro, o satisfiz com vários desenhos, (SOUZA e RIBEIRO, 2014, p. 39) dizem que "O desejo de ser um desenhista e sua arte ser apreciada revela-se na oportunidade dele desenhar para o Príncipe o que este lhe pedia. Através do garotinho e sua aparição, volta à tona a vontade reprimida do narrador em dar vazão à sua criatividade". Aqui, adota a sensibilidade de compreender a cabeça da criança e utiliza da fantasia do bicho dentro de uma caixa com buracos para poder respirar, na representação simbólica da necessidade buscada no momento. Na suposição dessa criança, a presença do carneiro em seu planeta o facilitaria, pois o bicho deveria

arrancar as mudinhas de baobás que insistiam em crescer, e que se virassem árvores, poderiam destruir o seu planeta, o simbólico de um carneiro levado em um papel o ajudaria nas conveniências do seu planeta. Portanto, cria-se uma situação imaginária, projetando o objeto de desejo do garoto em um rabisco que o faria fantasiar a presença desse objeto.

O estado de solidão em que se encontrava o aviador cessou a partir do encontro com o príncipezinho, se estabelecendo uma aliança de identidade, a curiosidade de saber mais sobre o inesperado surgimento da criança, que parecia surgir do nada, mas em outro sentido, poderia ter surgido do seu próprio inconsciente. Esse processo que pode ser vista pela psicologia como o método de análise, onde o terapeuta pela sua conduta de ética começa a conhecer a psique do indivíduo sem influências prévias. No viés da obra o aviador atende a característica do terapeuta e a criança do sujeito em análise, retratando todas as suas angústias e motivos que o fazem transmitir fatos que o ajudarão em suas dificuldades. O diálogo entre o aviador o diálogo se dava por perguntas que tinham respostas de forma gradativa, essa gradação se dá pela confiança que se estabelece pela fruição do diálogo “De onde vens, meu caro? Onde é tua casa? Para onde queres levar meu carneiro? [...] A cada dia eu ficava sabendo mais alguma coisa. Mas isso devagarzinho, ao acaso das informações colhidas de suas observações” (EXUPÉRY, 2013, p. 14 e 19).

À medida que o piloto e o príncipezinho se vão conhecendo melhor, permitem-se entrar numa viagem inesquecível, repleta de significados e onde tudo podia acontecer. De igual modo, entre o terapeuta e o analisando-criança, o imaginário e o simbólico se sobrepõem progressiva e gradualmente ao real. Têm a permissão para imaginar ser quem não é, estar em lugares diferentes, satisfazer os seus desejos, ilusoriamente viver o impossível. O simbólico é utilizado como forma de representação do mundo interno e inconsciente (JORGE, 2014, p. 6).

Ao elaborar a obra, a figura do carneiro ativa-se no inconsciente de Exupéry como arquétipo, que de forma curiosa provem dos moldes da sua psique resultantes das suas memórias de infância, quando criança brincava com os carneiros nos bosques do Sul da França, precisamente no castelo de La Mole na Provença, do seu avô materno, onde foi morar após a morte do seu pai. Como afirma Rocco (2016) “uma região muito linda onde as crianças podiam conviver com a natureza e muito animais, inclusive carneirinhos”.

O pequeno Príncipe propicia ao leitor uma série de personagens, que se organizam-se na obra em planetas por onde o garoto percorre até chegar no seu destino final, e que correspondem às múltiplas características que se manifestam nas personalidades dos indivíduos. Jung, (2009, apud FREIRE 2016, p.37), diz que "representam aspectos sombrios da

psique humana”, com os quais o leitor pode assemelhar-se e compreender o seu modo de agir, assim, agregando uma descoberta de si mesmo.

[...] pois em uma análise mais específica, conseguimos ver que vários seres humanos se ocupam com o que lhes convém, não se importando com sentimentos alheios, mas somente com seus interesses, ideia que Exupéry sempre defendeu, ao dizer que as pessoas grandes “jamais se interessam em saber como ele (um amigo) realmente é (LIMA e SILVA, 2010, p. 09).

A obra *O Pequeno Príncipe* em suas especificidades traz no enredo uma necessidade reflexiva por parte do leitor, incluindo no conto de solidão, amizade, amor e perda. Nas presentes metáforas, o indivíduo receptor das suas mensagens identifica-se simbolicamente, relacionando a um fato pessoal ou cotidiano, pois possibilita um *impulsioneamento* na construção de um sentido para a vida baseada em valores humanistas. “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso” (EXUPÉRY, 2013, p. 05).

A leitura da obra é um convite a uma retomada viajante à infância, que constata a simplicidade e essência de uma criança, lidando com assuntos complexos de forma sutil. A exemplo traz um questionamento acerca do significado da morte. Todos nascem crianças, mais enquanto crescem vão mudando as importâncias, ao serem corrompidos pela “frieza” do mundo, o ser humano passa a ver a ver as coisas baseadas nos benefícios que podem adquirir materialmente, deixando de lado o mais importante, a pureza das coisas, e estas não são materializadas, apenas sentidas emocionalmente.

O desenvolvimento do nosso estudo enveredou-se na teoria psicanalítica, visto que reflete criticamente sobre fatos da vida do autor e penetra na subjetividade norteadora da obra, os métodos complementares para restringir o processo psicanalítico é o da análise, que teve o psiquiatra Jung como pioneiro, baseado em conceitos que influenciam a cultura ocidental, comprovados na subdivisões da psicologia analítica: os arquétipos, inconsciente coletivo e processo de individuação, que consolidaram-se dedutivamente pelo confronto que vai do autor à obra.

Por fim, toda a sequência de construção da pesquisa possibilitou um engrandecimento cognitivo de tamanha relevância, uma vez que nutrimos conhecimentos na busca incessante de propor resultados significativos diante de uma enternecedora obra literária como *O Pequeno Príncipe*. Concebendo que a compensação ao findar esta monografia pode subjetivamente ser entendida na seguinte passagem: "o que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar" (ÉXUPÉRY, 2013, p.76).

Referências

BECKEL, Gilcia Gil. **Literatura e Psicanálise: Qual a relação?**. Disponível em: <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acessado em 05 de Junho de 2017.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COPLÁN, Ricardo D. **Um Pequeno Príncipe entre Marte e Júpiter**. 2007. Disponível em: http://www.constelar.com.br/constelar/108_junho07/pequenoprincipe1.ph Acessado em 12 de junho de 2016.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2013. Aquarelas do autor. 48ª edição / 55ª reimpressão.

_____, **O Pequeno Príncipe**. 48 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2001.

FREIRE, Virgílio. **Cidadela – Antoine de Saint-Exupéry**. Disponível em <http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1472219047731/Amostra.pdf> Acessado em 09 de Maio de 2017.

FREITAS, Mauro Ricardo de. **Uma abordagem filosófica da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry**. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/edicao17/02172015RT.pdf>> Acessado em 08 de Junho de 2017.

GUBERT, Paulo Gilberto. **Alter ego e outrem: Ricoeur e o problema do outro**. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/1/Numero10/Gubert_06.pdf> Acessado em 04 de Julho de 2017.

HERRMANN, Fábio. **O que é Psicanálise**. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 12). Disponível em: <<http://files.professor-benedito-carlos.webnode.com/200000072-e6ac1e7a6d/PSICANALISE%20que%20e.pdf>> Acessado em 05 de Junho de 2017.

IVAZAKI, Ana Claudia Dias; ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **Capoeira e literatura infantil: Construindo pontes através da sequência didática interativa**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID3449_19082016172602.pdf> Acessado em 25 de Maio de 2017.

JORGE, Joana Maria Calejo Pinto Barroso. **Uma leitura psicanalítica de "O Pequeno Príncipe"**. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=165> Acessado em 20 de Abril de 2016.

LIMA, Aline de Magalhães; SILVA, Antônia Monique dos Santos. **O Pequeno Príncipe: A Importância Dos Símbolos**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6165037-O-pequeno-principe-a-importancia-dos-simbolos-orientadora-profa-dra-nery-reiner.html>> Acessado em 12 de junho de 2016.

LOBO, Júlio César. **O canto como um testamento: poesia e política no filme Terra em transe**. Disponível em: <http://www.rbec.ect.ufrn.br/data/_uploaded/artigo/N3/RBEC_N3_A8.pdf> Acessado em: 07 de Julho de 2017.

MORESI, Eduardo, **Metodologia da Pesquisa**, Brasília, 2003. Disponível em:<http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_da_pesquisa.pdf > Acesso em: 01 Março de 2017.

PASSAMANI, Caio Raphael. **15 curiosidades d'O Pequeno Príncipe e de Antoine De Saint-Exupéry**. Disponível em: < <http://literatortura.com/2014/02/15-curiosidades-relacionadas-antoine-de-saint-exupery-e-sua-obra-prima-o-pequeno-principe/> > Acessado em 08 de junho de 2017.

POUND, Ezra. **O ABC da Literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Imaginário da Serpente de A a Z [Livro eletrônico]**. Campina Grande: eduepb, 2017.

ROCCO, Clarissa. **O Pequeno Príncipe e Eu: A Infância de Antoine de Saint Exupéry**. Disponível em: <<http://opequenoprincipe-e-eu.blogspot.com.br/2016/02/a-infancia-de-antoine-de-saint-exupery.html>> Acessado em: 08 de Junho de 2017.

SILVA, Ângela Cristina da. **Os fundamentos freudianos e as aplicações da psicanálise: condições, possibilidades e implicações**. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2012/05/Angela-Silva-trabalho-de-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acessado em 15 de Junho de 2017

SOUZA, Michele Braun; RIBEIRO, Marianne Stolzmann Mendes. **Fantasia e Gozo na Obra O Pequeno Príncipe**. Disponível em:<<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/fantasia-e-gozo-na-obra-o-pequeno-principe>> Acessado em 19 de Abril de 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 2a ed. - Rio de Janeiro: 2009. 96p.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; FRANÇA, Rafael da Silva; LEITE, Vlader Nobre. Breve Análise Psicanalítica d'o Pequeno Príncipe: Uma (Re)Interpretação Atualizada. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 433-448. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 11/04/2020;

Aceito: 16/04/2020